



A cidade em transição: memória, arquivo e fotografia

Gisele Verardi Joaquim¹

giseleverardi@yahoo.com.br

Universidade FEEVALE

Resumo: A presente pesquisa trata de estudos provenientes de um processo de criação poética e interdisciplinar no campo da arte e da cultura com fotografias relacionadas aos conceitos de memória, cidade urbana, fotografia e arquivos fotográficos coletivos e pessoais. O resultado da investigação são imagens feitas a partir de fotografias antigas e atuais da cidade de Sapucaia do Sul/RS, sobrepondo fotografias dessa cidade, de mesmos lugares em tempos diferentes – assim como de outros elementos – por meio de fotogramas e tratamento digital. Foram realizadas ações através da coleta de depoimentos espontâneos, orais e escritos, de habitantes da cidade, no intuito de provocar reflexões sobre a memória e as mudanças do local em seus aspectos sociais e culturais. A produção poética resultou em duas séries de 10 imagens cada e uma terceira com 20 imagens: Série I – *Palimpsestos*, constituída pela sobreposição de imagens antigas e imagens atuais da cidade; Série II – *Apagamentos*, são imagens que remetem à ideia de desestruturação e transformação da cidade; Série III – *Só os sentidos não dão conta*, compreende imagens da cidade e a sobreposição de textos que refletem depoimentos e pensamentos de habitantes sobre a cidade investigada no contexto desta pesquisa assim como sentimentos da pesquisadora. Os principais referenciais teóricos que embasam o estudo são: Paul Ricoeur, François Soulages, André Rouillé e Lewis Mumford. Os referenciais artísticos são: Rosângela Rennó, Nydia Negromonte, José Rufino e Elaine Tedesco, entre outros. Neste recorte que apresento, abordo os conceitos teóricos que se desenvolveram a partir do trabalho prático.

Palavras-chave: Memória; fotografia; cidade.

Introdução

Esta pesquisa propõe comunicar uma investigação em poéticas visuais, através de imagens fotográficas de paisagens urbanas pertencentes a arquivos da memória coletiva e pessoal e imagens atuais da cidade em transformação, em especial, Sapucaia do Sul/RS. Para tanto, reflito sobre os conceitos de memória, fotografia, arquivos fotográficos e sobre o espaço da cidade, com a intenção de promover uma reflexão a respeito da cultura que está presente no ambiente urbano, assim como a respeito das imagens que se sobrepõem em nossa memória, fazendo a cidade ser pensada, identificada, estruturada e ressignificada.

Os trabalhos artísticos foram constituídos a partir de arquivos fotográficos coletados até o ano de 2013, de antigas avenidas, ruas e arquitetura dessa cidade,

¹ Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, título do projeto de dissertação: Arquivos fotográficos: modificações da cidade no espaço/tempo da memória coletiva e pessoal, Universidade Feevale-Novo Hamburgo/RS.



nos quais realizo modificações através de fotogramas e meios digitais, sobrepondo e justapondo às fotografias atuais desses mesmos locais, assim como fragmentos retirados de depoimentos orais e escritos realizados em interações artísticas.

Com o desdobramento de imagens fotográficas originais e a interrelação com fotografias digitais, articulo visualmente a memória à fotografia e à história da cidade, às transformações sucessivas que ocorrem em seus aspectos arquitetônicos e suas constantes mudanças.

A metodologia que orienta esta pesquisa em arte é interdisciplinar e está situada na interface de duas áreas principais, arte e cultura, tendo a fenomenologia como orientação aos estudos descritivos. Priorizo o pensamento filosófico de Paul Ricoeur, o qual se vincula à sociologia, à antropologia e à história.

A cidade e a memória

Para Lewis Mumford, a origem da cidade está antes das estruturas permanentes, está nas relações que se estabeleceram entre seres humanos e natureza, nas necessidades que foram se construindo, envolvendo tempo, espaço e cultura. Semelhantemente, Ana Fani A. Carlos diz que a cidade, em seu estágio inicial de formação, associa-se a natureza e ao homem, pois a “cidade nasce da necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim” (2001, p.57). Logo, a natureza da cidade não é definitiva e deve ser compreendida a partir de sua origem histórica, não apenas a partir de suas funções urbanas (industrial, cultural, comerciais, administrativas ou políticas) que também não devem ser diminuídas, pois, em cada momento do seu processo histórico assumem uma forma, característica ou função distinta.

O indivíduo e o coletivo estão ligados pela estrutura da cidade, pois o espaço urbano, físico, tem um papel social e imagético, podendo fornecer a matéria-prima para símbolos e reminiscências coletivas. Cada pessoa tem uma imagem de sua cidade e, para cada uma, essa imagem está impregnada de lembranças e significados (LYNCH, 1997). Tal imagem pode ser visual, auditiva, olfativa, o que faz da memória um lugar também da imaginação, pois, “é sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória-imaginação: se essas duas



afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela” (RICOEUR, 2007, p. 25). Logo, a cidade é constituída através da memória que temos dos espaços que nos são significativos. Carlos diz que “a cidade tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico, que tem na base o processo de constituição do humano” (2001, p.67). Assemelha-se ao que Ricoeur (2007) diz quando descreve a fenomenologia da representação do passado: só sabemos o que realmente foi transformado em memória na percepção (sensação, impressão) do antes e do depois, na análise do movimento que ocorre no tempo em relação a nós e à sociedade em que vivemos. Portanto, a consciência da memória está em distinguir dois instantes, um anterior e outro posterior em relação a si, ao espaço e ao tempo.

Para Ricoeur, a partir de uma fenomenologia da memória, o estudo da memória,

[...] inicia [...] por uma análise voltada para o objeto de memória, a lembrança que temos diante do espírito; depois ela atravessa o estágio da *busca* da lembrança, da *anamnésia*, da recordação; passa-se finalmente, da memória dada e exercida à memória refletida, à memória de si mesmo (2007, p. 17).

O autor distingue a lembrança (*mné mé*) da recordação (do grego, *anamnésis*), sendo a lembrança relacionada a uma suave chegada ao espírito, com afecção e, a segunda, a lembrança como o objeto de uma busca, a recordação. Daí algumas questões intervenientes no estudo proposto: Qual a relação que se estabelece entre a memória coletiva e individual e a fotografia, na transformação dos espaços urbanos e do indivíduo? Como a relação de imagens fotográficas de arquivos coletivos e individuais, no trabalho poético, pode se constituir como novas imagens da memória e, ao mesmo tempo, gerar interpretações diversas sobre as mudanças na cidade, em seus aspectos sociais e culturais?

O enfoque que realizo é sobre a relação entre o arquivo fotográfico e registros estéticos do espaço urbano atual que irão se constituir como novas imagens a partir do trabalho artístico, sobre a relação homem e o espaço que lhe é familiar na cidade urbana, ou seja, o espaço construído pela sociedade da qual o indivíduo faz parte e o espaço por ele memorizado, lembrado, o qual constrói sua identidade, sua história.



A Fotografia e o Arquivo

Em aproximadamente 170 anos, a fotografia passou a ser vista não apenas como registro fiel do real ou documento, mas como criação, possibilitando, na arte contemporânea, permear diversas áreas, conceitos, criar outros e não se ater somente ao passado ou exclusivamente ao presente.

Para Soulages (2010), a fotografia, antes de ser ato fotográfico, de ser o instante da tomada de imagem, da ordem do irreversível foi considerada um meio, um instrumento e uma forma de registro do que se apresentava. Com a sua reprodução e conseqüentemente recepção, sai de uma espécie de neutralidade e passa a se tornar um fim em si mesma. De instrumento passa a linguagem, lugar de criação, possibilidade da própria obra e perpetuação do momento vivido ou construído, não apenas para artistas, mas também para o público em geral, cujas motivações histórias e relações com a fotografia poderiam diferir.

Soulages propõe o conceito de *fotograficidade*, que vincula-se à “estética do fragmento” (2010, p.347), ou seja, a fotografia nunca está pronta, é obra aberta que fica entre o *irreversível* e a finitude, o *inacabável* e o infinito, pois cada fotografia sempre que é exposta atualiza-se diante de contextos e olhares diferentes, adquirindo sempre novas dimensões, interpretações. A cada recepção há uma nova recriação.

A imagem fotográfica é um fragmento, pois é constituída de outras imagens, também fragmento de um tempo, de um olhar, mas é a partir desse recorte, desse “vestígio”, desse “rastro” que podemos começar a ordenar as imagens e o sentido do passado.

Nas *Séries Fotográficas*, a cidade também é vista em fragmentos, em partes. Na medida em que me aproximo dos lugares, das ruas, dos espaços, das memórias, troco informações e afetos com seus moradores, simbolicamente, reconstruo a cidade. A fotografia é o meio de partida (Fig.1).

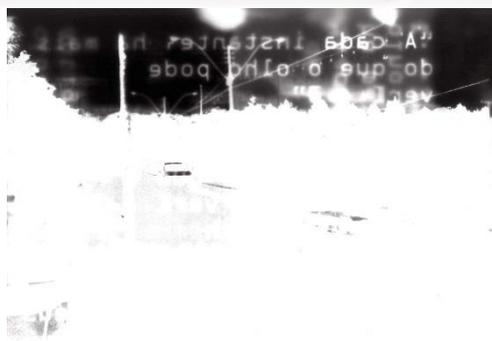


Figura 1. Gisele Verardi Joaquim, Série III - Só os sentidos não dão conta I: Há mais do que o olho pode ver, 2013, fotograma negativo, 30 x 40 cm. Fonte: Acervo da artista.

Desde o surgimento da fotografia, o registro, o arquivamento, o inventário tornaram-se compulsórios, chegando à exaustão. Hoje, há um crescente interesse em acumular imagens, sobretudo pela difusão da fotografia digital. Podemos, então, encontrar um problema: como gerenciar todas essas imagens para que não caiam no esquecimento, como ativar nossos arquivos para que construam efetivamente uma memória?

A palavra arquivo, neste estudo, refere-se às imagens fotográficas provenientes de coleções e álbuns de família de moradores da cidade de Sapucaia do Sul e registro de outras tomadas, à deriva, na mesma cidade.

No trabalho poético, sobreponho 'releituras' utilizando arquivos fotográficos coletivos e o arquivo pessoal cujas interpretações estão vinculadas a minhas memórias dos lugares. A eles atribuo outros sentidos que não os originários ao gesto de quem fotografou, considerando o fato de que manipulo as imagens no processo poético.

De acordo com André Rouillé (2009), a fotografia enquanto documento sempre terá como finalidade o arquivamento e essa prática permite que o conhecimento gerado pela imagem possa ser estudado em uma escala reduzida, fracionado, à dimensão do homem.

Segundo Jacques Derrida "não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão" (2001, p. 08), ou seja, o arquivo é prioritariamente externo, físico ou virtual, podendo ser a própria casa, a pele inscrita, objetos diversos, papéis, documentos que relatem a trajetória de um grupo ou pessoa, imagens (fotografia,



filmes, TV), som e inclusive o próprio espaço da cidade. Pode ser originário de pesquisa e coleções (álbuns) e sempre ter seus registros e descrições com base em um contexto específico, que estará acessível ou não.

Logo, o arquivo não é apenas “a experiência da memória e o retorno à origem”, como costumamos reduzir, mas “a constituição de uma instância e de um lugar de autoridade” (DERRIDA, 2001, p. 08), pois é o testemunho do habitante e da cidade. Somente a *anamnese* não traria a originalidade dos acontecimentos, necessitando do externo. Há, portanto, um desejo de memória na constituição de arquivos.

Diante disso, a fotografia e o álbum, ou arquivo, desempenham papéis opostos e complementares: a fotografia fragmenta, o álbum e o arquivo recompõem os conjuntos, ordenam. Nesta pesquisa também produzo um arquivo de fotografias a partir das imagens coletadas por meio de uma produção poética.

Ao ter acesso às diversas imagens fotográficas pertencentes às coleções e álbuns particulares, imagens dispostas em livros e sites específicos, formo meu arquivo de artista sobre a pesquisa em questão e também interfiro artisticamente nas mesmas, com o intuito de questionar os processos de mudança que transformam a cidade, lugares edificadas, outros vazios, em que o antigo e significativo, para os habitantes e para a cidade, não é preservado. O novo que muda a cidade e é bem visto, parece não acrescentar espaços de cultura à mesma, distanciando os cidadãos de seu lugar no mundo. Estabeleço, portanto uma relação político/ artística com o lugar que habito. Traço esse perfil, pois, diante da cidade e de seus habitantes revisitados por meio da arte, há de ser ter também uma consciência ética perante o outro.

Considerações finais

O que originou esta pesquisa foram minhas memórias (lembranças e arquivos) da cidade de Sapucaia de Sul, cujos padrões arquitetônicos, pessoas e cultura parecem mudar com muita frequência. Analisando arquivos fotográficos da cidade que remetem à paisagem urbana, pude perceber e observar (objetiva e subjetivamente) ações, contradições sociais e testemunhas que abrangem distintos tempos.



O homem possui infinitos arquivos, vivências armazenadas, pouco conhecidos e vistos e, nem sempre estará limitado por aquilo que o cerca. Logo, além de aprofundar os conceitos de memória, fotografia e arquivo, procurei relacionar uns aos outros, bem como ao conceito de cidade e ao trabalho poético, constatando que todos estão interligados.

A partir do conceito de memória, estabeleço uma relação com todo o restante da pesquisa, o que permite compreender que a memória simbólica está presente em arquivos fotográficos, neste caso, da cidade, e que, através desses arquivos, é possível lembrar, percorrer e remontar situações vividas. Com Paul Ricoeur, entendo que a memória individual pode tornar-se coletiva. Desse modo, no trabalho poético, crio também um álbum fotográfico virtual, um arquivo público virtual da cidade.

Todos os trabalhos procuram evidenciar vestígios de uma cidade que já se encontra no passado, porém, o que realmente mostram é uma cidade imaginária que se faz por palimpsestos, apagamentos e sentimentos vinculados ao espaço urbano, por meio de imagens e palavras.

A contribuição que este estudo oferece no âmbito da cultura e da arte está em tentar entender um pequeno fragmento da sociedade e de sua cultura, que se relaciona permanentemente com a paisagem urbana, onde, nas memórias registradas e em registro, o humano percebe sua vida e os espaços da cidade que o circunda e, na medida em que a cidade se desconfigura ou se modifica, o habitante dessa cidade também se transforma e vice-versa.

Referências

CARLOS, Ana Fani A. *A Cidade*. São Paulo, SP: Contexto, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2001.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.



RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo, SP: Editora Senac, 2009.

SOULAGES, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo, SP: editora SENAC São Paulo, SP, 2010.